

# REESCRITURAS DO CONVENTO (1923) NO CAMPUS PUC-SP - MONTE ALEGRE

*Data de aceite: 02/01/2024*

### **Ana Claudia de Oliveira**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras, Comunicação e Arte: Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica

### **Renata Adriana Fabbris**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras, Comunicação e Arte: Mestranda da Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica

4º CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO LUSO-BRASILEIRA "AMBIENTES EM MUDANÇA: patrimônio vivo"

**RESUMO:** A PUC-SP está sediada em um antigo convento da cidade de São Paulo, Bairro das Perdizes, construído em 1923. A edificação é marcada em sua arquitetura por uma reescritura baseada nas raízes das construções coloniais, movimento artístico-cultural que reforça a memória do passado português e evidencia os valores locais, manifestos pelos elementos das suas fachadas externas e internas, bem como pelas características de sua

capela por meio de painéis em azulejaria e seus elementos interiores. O campus Monte Alegre, nomeação que se refere ao endereço da localização, expandiu-se ao longo do tempo com sucessivas reescrituras até a configuração atual de um quarteirão além de outras edificações em seu entorno que abriga hoje cerca de 10.000 alunos, sendo uma das principais Universidades do Brasil. O bairro de Perdizes recentemente passa por grandes transformações dos modos de morar com substituição das casas assobradadas germinadas por altos edifícios que ofertam apartamentos pequenos para alunos, e produz adensamento populacional, somado à construção de metrô que impacta em uma valorização imobiliária. A análise da arquitetura do *campus* baseia-se nos conceitos da semiótica francesa, especialmente nas postulações de A.J. Greimas do percurso gerativo do sentido como método da produção da significação que analisaremos relacionando os níveis: discursivo, narrativo, fundamental e os desdobramentos dessa por E. Landowski como uma teoria geral do sentido a partir da complexificação da gramática narrativa com as suas lógicas regentes articuladas em regimes de sentido, interação e risco dos

enunciados dos arranjos de linguagem com as suas articulações sincréticas que constituem o enunciado global do objeto de estudo. Por meio de sucessivos rearranjos de reescritura de traços coloniais portugueses ao longo da sua existência, seja por procedimentos de transformação, apagamento, intervenção ou reinvenção (Oliveira, 2017) no campus mostramos colisões, sobreposições nas bricolagens das contínuas reestruturações para manter a sua atuação enquanto sujeito actante nas mais diversas interações significativas que fazem a universidade, no bairro e na cidade, ser sentida estésica e inteligivelmente pelos arranjos plásticos e figurativos de sua arquitetura, com a diversidade de narrativas em seus espaços que formam a sua identidade institucional com seus valores. Objetiva-se por este trabalho entender os diferentes tipos de interação entre o convento original e o todo do seu entorno que constitui o espaço universitário da PUC-SP e como esses se articulam em uma totalidade de sentido que baliza a identidade e a visibilidade institucional. A metodologia utilizada é a análise dos planos do conteúdo e de expressão guiando-se pelo percurso gerativo do sentido na abordagem da vivência universitária de seus sujeitos frequentadores, com as práticas sociais que o uso reiterado dos espaços instala, com o propósito de entender como os diferentes tipos de interações dos diversos sujeitos individuais e coletivos nas distintas narrativas nas quais atuam atendem às necessidades das funções operadas pelo espaço enquanto universidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** PUC-SP; Resignificação de edificações; Regimes de reescritura; Semiótica discursiva; Regimes de visibilidade institucional, Neocolonial.

## 1 | CONTEXTO

Localizada em Perdizes, bairro nobre de São Paulo, a PUC-SP conta com cerca de 10.000 alunos e 76 anos de história. uma das principais universidades do país ela é palco da transmissão e produção de conhecimento científico, manifestações políticas e artísticas, e atende também à população local através de sua vocação religiosa com sua capela histórica de 1926. Neste âmbito, a arquitetura abriga e dialoga com seus frequentadores, que vivenciam os seus ambientes nos quais criam narrativas das quais participam enquanto sujeitos com distintos papéis actanciais. Desde a segunda década do século XXI presenciamos a construção de uma estação de metrô que leva o nome da Universidade na Rua Cardoso de Almeida no cruzamento com a Rua João Ramalho que tem dois acessos e o surgimento de inúmeros edifícios residenciais para comportar estudantes que buscam por moradia próxima ao local de estudo.



Figura 01 - Vista aérea do Campus pela rua Monte Alegre. Fonte: <https://www.pucsp.br/galeria/galeria-de-fotos-campus-monte-alegre>. Acesso em 07/03/2022.

Ocupando o quarteirão entre as ruas Monte Alegre, Bartira, Ministro de Godói e João Ramalho, o campus apresenta três edificações principais: o Edifício Cardeal Motta, antigo convento construído em 1923, o Teatro TUCA de 1966 e o Edifício Reitor Bandeira de Mello (ERBM) edificado na década de 1970 para comportar salas de aula e auditórios devido ao crescimento da universidade.



Figura 02 - Mapa de 1930 com indicação em amarelo do antigo convento. Fonte: [http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/\\_SBC.aspx#](http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#). Acesso: 15.04.2021.

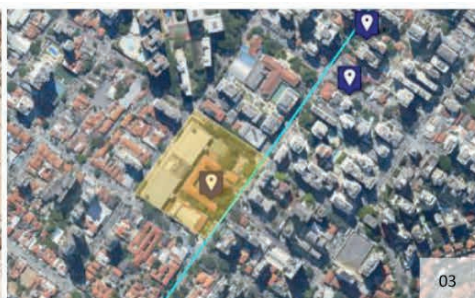


Figura 03 – Mapa de 2017 configuração atual do bairro. Fonte: Acervo Fundasp. Identificações: autoras.

O campus apresenta também espaços não construídos de grande interação entre alunos, professores e funcionários conhecidos como Prainha (área de circulação entre os fundos do Edifício Cardeal Motta e o ERBM), a Rampa (acesso pela rua Monte Alegre) e o Bosque (área arborizada atrás da quadra). Os jardins externos em frente à fachada principal do antigo convento recebem tanto professores e alunos, quanto o público externo, geralmente moradores da região, pessoas com crianças pequenas. Já em noites de teatro os jardins em frente ao TUCA fazem uma pré-recepção ao público. Também, em outras circunstâncias, esses podem servir eventualmente de pátio para manifestações políticas.

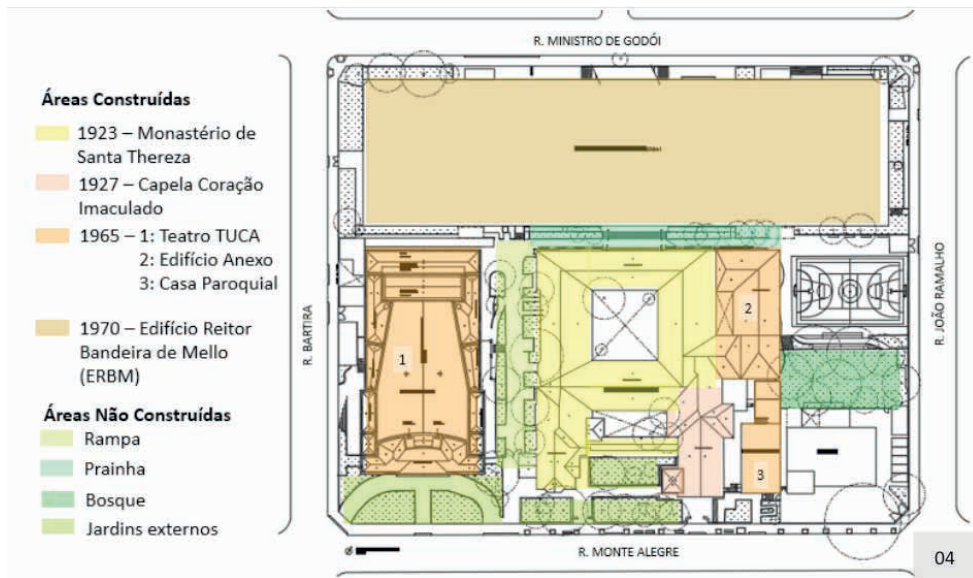


Figura 04 - Identificação das edificações com seus períodos de construção e áreas não construídas utilizadas pelos usuários. Fonte: Acervo FUNDASP. Identificações das autoras.

Hoje o quadrilátero delimitado pelas ruas Monte Alegre, Bartira, Ministro Godoy e João Ramalho é tombado pelos órgãos municipal CONPRES P e estadual CONDEPHAAT, pela sua importância à memória do bairro, pelo significado no ensino superior em São Paulo e pela resistência ao autoritarismo da ditadura militar (1964-1985).

O conjunto construído apresenta uma configuração similar às antigas universidades europeias em que antigos claustros davam lugar a um campus, hoje em área extremamente adensada da cidade de São Paulo, apresentando crescimento orgânico em sua configuração, se transformando com suas sobreposições de diferentes tempos, conceitos construtivos e técnicas e de acordo com diferentes políticas, como pode ser observado em suas fachadas.

## 2 | AS PASSAGENS DO TEMPO NAS FACHADAS

O campus em questão teve seu crescimento de forma orgânica, como uma bricolagem, no emprego levi-straussiano de que tudo pode um dia servir e ser arranjado conforme as peças que entram na composição com procedimentos de colisões, uniões de edificações em diferentes tempos, de sobreposições, onde novos espaços se sobrepõem a antigos, apresentando uma multiplicidade de lugares e discontinuidades, resultados de diferentes políticas, técnicas e linguagens em diferentes tempos, como postulado por ROWE e KOETTER em *Collage City*. Assim como os antigos palimpsestos, pergaminhos usados na antiguidade e idade média que tinham seus escritos raspados para receber novos

textos e que guardavam resquícios dos anteriores, o campus mantém memórias, sentidos e estésias dessas histórias ainda nos tempos atuais. Essas noções vão nos conduzir na descrição e leituras das fachadas com apoio da semiótica francesa desenvolvida por A.J. Greimas e seus colaboradores, a partir dos anos 60 notando-se as transformações do campus nos usos das linguagem no transcurso do tempo.

## 2.1 FACHADA SUL - RUA MONTE ALEGRE

### 2.1.1 1923

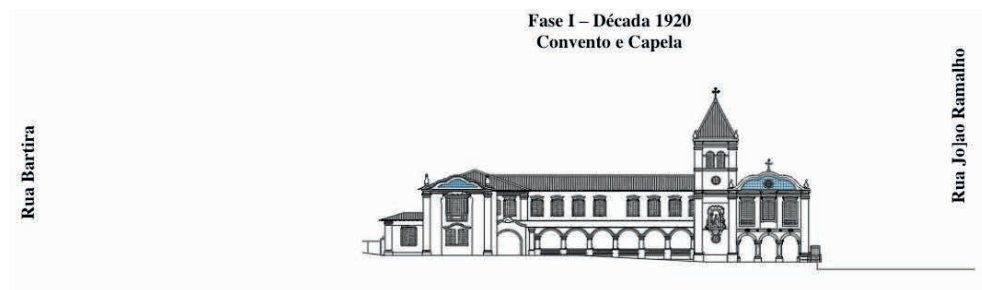


Figura 05 - Elevação do Convento das Carmelitas (1923). Fonte: Arquivo FUNDASP.



Figura 06 - Rua Monte Alegre no início dos anos 20 com a vista do antigo convento. Fonte: PUC-SP : 65 anos de história, tradição e vanguardismo, 1946-2011 / Odilo Pedro Scherer... et al. – São Paulo : EDUC, 2011.



Figura 07 – Vista da Fachada (s.d). Fonte : <https://j.pucsp.br/noticia/museu-da-cultura-disponibiliza-fotos-historicas-do-predio-velho>. Acesso em 17.04.23.

O neocolonial foi um movimento artístico-cultural iniciado pelo manifesto do arquiteto luso brasileiro Ricardo Severo da Fonseca e Costa (1869-1940) em 1914, na busca de uma arte genuinamente brasileira pautada nas tradições, que ganha força na década de 1920.

A construção de uma narrativa da valorização das tradições brasileiras procura uma ligação com o passado vinculando-se às características de uma nação entendida como “civilizada”. A supervalorização da tradição lusitana no entendimento da formulação da

identidade brasileira por Ricardo Severo acontece em detrimento de outras formações constitutivas de alteridades que são apagadas ou excluídas. Entre essas, a desconsideração ou negação das contribuições arquitetônicas dos povos indígenas, em harmonia com o *habitat*, caracterizadas como exóticas e com suas construções de caráter efêmero, assim como não há qualquer menção nem dos povos africanos que foram trazidos como mão de obra escrava e nem dos povos imigrantes. Nesse âmbito o que é ressaltado é apenas o passado lusitano.

Para o sociosemiótico Landowski (2012), a definição da identidade é sempre dinâmica e é processada pela presença de características diferenciais que distinguem o um do outro e que o autor organiza em termos de regime de alteridade primeiramente a identificação do “não-si”, o Outro, para poder então definir o “si”, o Nós. O Outro é então definido por suas diferenças que constituem o seu sentido identitário. Na perspectiva do social, a busca da identidade coletiva é identificada pelas determinantes do “Nós” que agrupa os atributos coletivos que são valorizados socialmente. O sujeito coletivo “Nós” é o grupo dos detentores dos direitos de serem plenamente eles mesmos. No caso específico de nosso objeto de estudo esse seria o colonial trazido de um país europeu, identificado como o colonial português. As outras arquiteturas encontradas no país construções indígenas, quilombolas ou mesmo as de taipa formam alteridades em relação ao colonial e são ignoradas, ou pouco consideradas como constitutivas das raízes brasileiras, e nesse prisma essas alteridades são assimiladas para que o passado em comum seja o neocolonial.

Em período de comemoração do centenário da independência do Brasil de Portugal, o discurso da arquitetura neocolonial é tomado como a afirmação da identidade nacional opondo-se à arquitetura eclética européia importada principalmente da França. Prioriza-se o passado local que se apresenta como marca da modernidade no país e atingiu seu ápice com o IV Congresso Pan-Americano no Rio de Janeiro em 1922, ano considerado como marco de grande efervescência cultural no país e do centenário.

Dessa forma, o Nós Neocolonial exclui a presença das Alteridades, quer esse Outro seja o dos povos originários indígenas, quer esse Outro seja dos africanos escravizados, quer esse Outro seja dos imigrantes. Na exclusão de todas e quaisquer diferenças que constituem o Brasil, há um assumir uma identidade que se autopropaga como civilizada, quase que européia, e que se contrapõe a um Outro que seria o estilo eclético francês<sup>1</sup>.

No processo de construções e intervenções do espaço edificado, Oliveira (2017) postula a existência de mecanismos de transformações através dos seguintes regimes de reescritura: por apagamento, por transformação, por intervenção e por reinvenção. A reescritura por apagamento acontece quando se elimina totalmente o que existia antes no

---

1 O ecletismo surge nas primeiras décadas do século XX misturando diversos elementos de linguagem das arquiteturas clássica, medieval, renascentista, barroca e neoclássica. O ecletismo francês, também conhecido como “*Beaux-arts*” costumava mesclar elementos neoclássicos, barrocos e renascentistas, além de buscar grande ornamentação, grandiosidade e simetria.



local, é um por abaixo as marcas de um período que é eliminado em seus traços edificados. Por sua vez, a reescritura por intervenção constitui-se por acomodações do novo ao antigo que, no entanto, mantém os usos e funções da edificação. Por sua vez, a reescritura por reinvenção é responsável por se criar um novo protagonismo ao edificado ao trazer novos usos e funções, e atualizado o espaço de forma identitária.

Afastado do centro de São Paulo e atendendo ao isolamento pretendido pelas Carmelitas o convento foi projetado pelo engenheiro Alexandre de Albuquerque. Caracterizado com elementos neocoloniais, a edificação na década de 1920 traz nas suas fachadas a marca da identidade da arquitetura brasileira pautadas em suas tradições culturais.

Sua fachada frontal com frente para a Rua Monte Alegre é marcada pela horizontalidade, contrapondo-se com a verticalidade da torre da igreja, uma ligação da terra e da vida (horizontalidade) que se liga com o divino (verticalidade). O pano central é marcado por isotopias das janelas no pavimento superior e arcos no pavimento térreo. No interior dos arcos encontravam-se imagens formadas por azulejos portugueses. A simetria presente traz a sensação de ordem e os arcos fazem uma conexão do externo com o interno. Tanto à direita quanto à esquerda há volumes sobressalentes, com seus frontões trabalhados e painéis figurativos em azulejos portugueses. A lateral direita é marcada pela torre e a capela. Inicialmente a construção tem pintura em leve tom próximo ao branco. A foto acima indica a construção como uma composição imponente. Nesta época, uma pequena mureta com gradis trabalhados limitavam o acesso da rua à edificação. O claustro era um espaço de reclusão das Carmelitas. Pelas fotos e elevações é possível perceber que não haviam árvores de grande porte.

### 2.1.2 Fachada atual

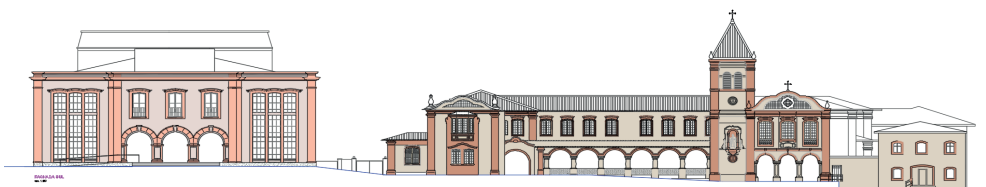


Figura 08 – Fachadas voltadas para a rua Monte Alegre. Fonte: Acervo FUNDASP.



Figura 09 e 10 – À esquerda – fachada principal do antigo convento e à direita, fachada principal do TUCA. Fonte: Fotografias da autora Renata Fabbris.

Considerando que em 1946 a construção foi doada para a instalação da Universidade, o espaço físico foi se transformando para atender o crescimento das atividades e abrigar novas funções. O antigo claustro já não apresenta mais muros até sua fachada, sendo a área ajardinada acessada pela população da PUC-SP, mas também por pessoas não ligadas à Universidade. Grandes árvores nesta rua não permitem que as fachadas se revelem de prontidão, sendo necessário caminhar pelos seus jardins para melhor percepção de detalhes.

Marcada pela construção de duas edificações na década de 1960 voltadas para a Rua Monte Alegre, estão o Tuca (Teatro da Univerdidade Católica) e a Casa Paroquial, edificação pertencente à igreja, construção mais singela, compõem a totalidade do quarteirão atual. As novas construções foram projetadas pelo arquiteto Benedito Calixto de Jesus Neto, responsável por inúmeras obras da igreja católica da época. O arquiteto optou por manter a narrativa linguagem neocolonial utilizada há 40 anos na construção da primeira edificação, apesar de sua construção ter ocorrido no auge do movimento moderno brasileiro. Nota-se, todavia, pela evolução das técnicas construtivas e mesmo pelo programa de necessidades da edificação, uma contraposição da fachada do convento que é a presença de um desenvolvimento vertical, inclusive marcado pela composição de caixilhos laterais da fachada principal que, embora sigam a mesma linguagem dos caixilhos do convento, são verticalizados.

O acesso original e principal da PUC-SP é feito pela lateral esquerda fora da edificação, estimando-se que o fluxo de pessoas aumentará assim que estiver em uso a nova linha do metrô, já à direita tem-se a entrada da capela que realiza missas recebendo os devotos. É também o acesso principal para as peças do teatro principal do TUCA, o Tucão e o acesso da Casa Paroquial.

Outra questão a se notar é o cromatismo dos edifícios. O antigo monastério em algum momento, deixa de ser monocromático e passa a ter um tom creme geral e seus ornamentos e colunas um tom rosado queimado, seguido pelo TUCA e pela casa Paroquial, que traz um dinamismo para o conjunto arquitetônico.



Dessa forma, todas as fachadas das edificações voltadas para a Rua Monte Alegre mantêm, apesar de construções em diferentes épocas, as mesmas características neocoloniais. Reforça-se assim a figuratividade do edifício sede, criando-se uma composição de fachadas homogêneas em sua leitura. O antigo convento que antes apresentava uma linguagem de vanguarda identitária brasileira, hoje se apresenta como uma edificação histórica de memória coletiva que deve ser preservada.

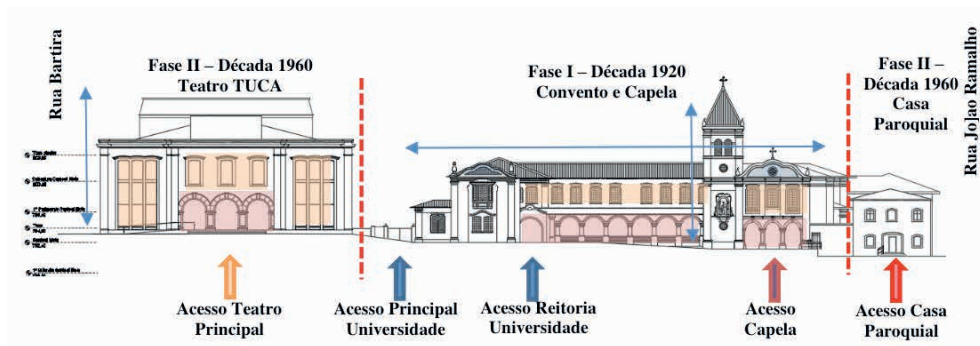


Figura 11 – Montagem esquemática indicando as principais características encontradas na Fachada Sul – Rua Monte Alegre. Fonte: Arquivo FUNDASP com diagramação das autoras.

## 2.2 FACHADA NORTE – RUA MINISTRO DE GODÓI

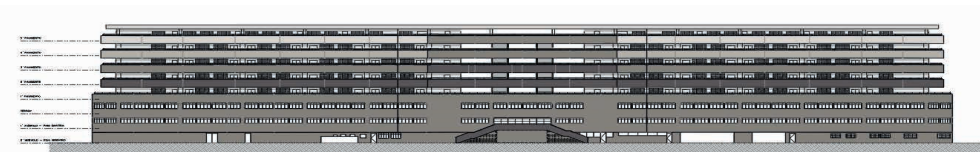


Figura 12 - Fachada Norte voltada para a rua Ministro de Godói. Fonte: Arquivo FUNDASP.



Figuras 13 e 14 – Vista da Edificação a partir da rua Ministro de Godói. Fonte: Fotografias da autora Renata Fabbris.

A fachada voltada para a Rua Ministro de Godói é ocupada quase totalmente por

uma única edificação conhecida como ERBM, Edifício Reitor Bandeira de Mello, construída na década de 1970 em decorrência da expansão da universidade. Com a construção desse edifício há a ocupação de todo o quarteirão pela Universidade.

Em oposição às fachadas da Rua Monte Alegre, a edificação, embora também projetada pelo arquiteto Benedito Calixto, assume feições modernistas, numa construção densa, racional, que ocupa toda a largura do quarteirão, podendo-se ler do seu exterior a existência de um corpo central de circulação e dois blocos projetados para uso para aulas, um de cada lado com janelas e portas cadenciadas formando, do mesmo modo da construção do convento original, uma isotopia. Aqui, assim como no antigo convento, há a presença da horizontalidade e a impressão de ordem criada pelas isotopias. Ao contrário do convento, em que a circulação é interna através de um pátio central, aqui a circulação acontece pelos corredores externos. Se por um lado a entrada pela rua Monte Alegre apresenta uma estesia bucólica pelos seus espaços ajardinados e detalhes históricos das fachadas, convidando os transeuntes a um “promenade”, por outro a fachada da rua Ministro de Godói concentra os alunos no seu acesso. A calçada desta rua procura atender às necessidades de refeições dos alunos por meio de *food trucks*, bem como há presença de bares do outro lado da rua, o que torna a área bem movimentada. Além disso, nota-se a existência de um edifício recém construído e mais dois em construção com apartamentos de aproximadamente 30m<sup>2</sup> para atender os alunos que desejam morar próximo da Universidade.

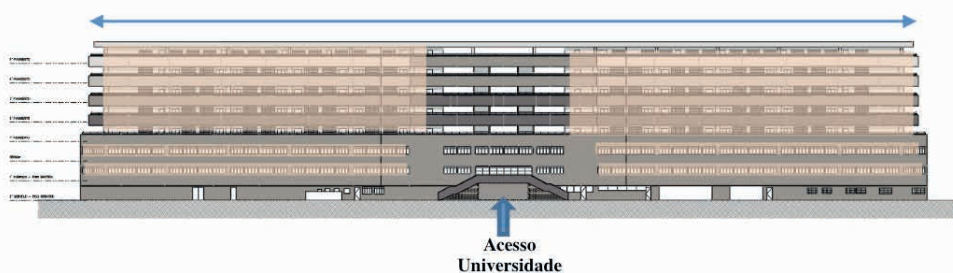


Figura 15 – Montagem esquemática indicando as principais características encontradas na Fachada Norte – Rua Ministro de Godói. Fonte: Arquivo FUNDASP com diagramação das autoras.

### 3 | PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

Com o objetivo de analisar e interpretar os sentidos, o campus estrutura-se o plano do conteúdo em três níveis: o nível discursivo, em que serão examinados os termos que dão concretude figurativa e plástica à manifestação ao objeto em termos de escolhas enunciativas, o nível narrativo, em que os sujeitos performatizam ações em busca de um objeto de valor na lógica da junção ou performatizam encontros na lógica da união, que formam na sua sequência narrativa, e o nível fundamental, no qual a significação é processada a partir de uma oposição semântica mínima que, pelo estabelecimento de

relações de contrariedade e implicação, montam a sintaxe complexa da circulação dos valores que permite entender os sentidos concretizados no discurso e na narrativa.

### 3.1 Plano do Conteúdo

#### 3.1.1 *Nível Discursivo*

No nível discursivo temos a valorização da história, da memória e da monumentalidade figurativizada pela arquitetura do antigo convento que é preservada e ampliando-a em diferentes tempos na rua Monte Alegre. Já voltada para a Rua Ministro de Godói, a Instituição, enquanto destinadora, buscou dar um caráter de grandeza, desta vez pelo grande volume ocupado, trazendo racionalidade típica da arquitetura no período da ditadura militar brasileira da década de 1970. Este acesso, muito utilizado para quem chega pela Avenida Sumaré trouxe vida para a rua Ministro de Godói oferecendo serviços, especialmente do âmbito alimentício, bem com uma quantidade de comerciantes ambulantes oferecendo opções de lanches no local.

#### 3.1.2 *Nível Narrativo*

No nível narrativo identificamos os diversos elementos que compõem a narrativa semiótica do campus Monte Alegre. O Destinador é a Instituição e os destinatários são os alunos, professores, funcionários e pessoas que frequentam o espaço. A edificação age enquanto sujeito determinante das performances na vida e nas vivências da Universidade, ela faz-fazer os demais sujeitos que são os frequentantes que performatizam a busca pelo objeto de valor através do desenvolvimento de competências que modalizam os sujeitos cognitivamente com saber e poder, volitivamente pelo querer e prescritivamente pelo dever. Os objetos de valor indetificados são o aprendizado e a produção de novos conhecimentos que, por sua vez, quando galgados esses possibilitam nos vários encontros com o saber a ocorrência de um desabrochamento que é sentido esteticamente na experiência corpo a corpo.

Eis os marcos temporais que são dados pela trajetória da construção dos edifícios, mostrando as suas várias etapas :

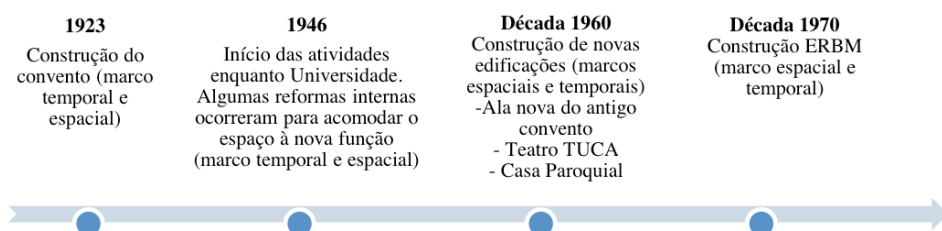


Figura 16 – Marcadores temporais e espaciais do Campus. Fonte Diagramação pelas autoras.

### 3.1.3 Nível Fundamental

A construção do nível fundamental se inicia pela oposição semântica de base que se faz em termos da Universidade marcar-se por “Espaço do encontro coletivo aberto” (com troca de saberes e produção do conhecimento) vs “Espaço da individualidade, do fechamento (do inquestionável)” que permite entre outras relações a seguinte circulação de valores apresentados a seguir:

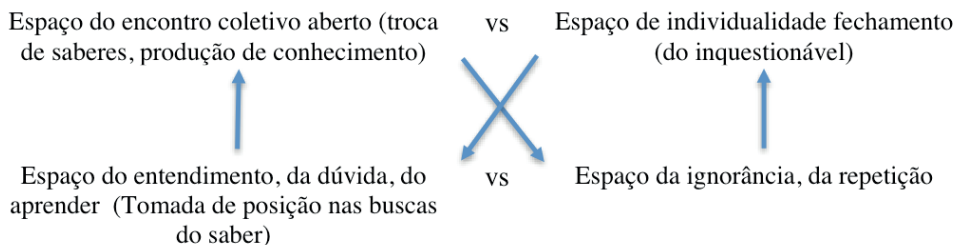


Figura 17 – Quadrado semiótico. Fonte: Construção pelas autoras.

Desde o antigo claustro, a arquitetura é reflexiva, configurando um espaço de encontros, mas também um espaço de programação para operar as passagens pela fé e seus saberes que seguem as regularidades das operações, assim como um espaço de cálculo e estratégias para desenvolvimento do saber que é conquistado pelo querer saber. Se essas possibilidade se dão inicialmente com as freiras com a religião, posteriormente, na universidade é como locus da construção do saber via os conhecimentos acumulados que se aprende para deles depreender novos, reutilização para testagens até ser comprovados e, enquanto fórmulas testadas, constituírem conhecimentos e saberes, junto com aquele que se originam de solução de problemas, ou ainda de enigmas ou de imprevisibilidades que se sobrepõem à vida terrena ou à espiritual. Há uma dinâmica desses regimes de sentido que se processam pelos regimes de interação e que apresentam todos eles os seus riscos aos sujeitos envolvidos. A manutenção do convento preserva e reverência a memória, sendo aberta às trocas e multiplicidades de pensamentos que são abertos ao diálogo e à transformação. A sua oposição se dá pelo espaço da individualidade centrada em si mesmo, onde não há circulação de ideias e possibilidade de questionamentos. Como subcontrários, temos o espaço do entendimento, da tomada de posição e da abertura para a reflexão e debates na busca do saber em oposição ao espaço da dispersão, da repetição que gira em torno do mesmo sem questionamentos e avanços, o que faz permanecer no não saber que, por implicação conduz ao Espaço do fechamento e da não promoção do conhecimento e do fechar-se no não saber, no desconhecimento, na ignorância.

## 3.2 Plano da expressão

Analisamos o plano da expressão a partir dos formantes topológicos, eidéticos, cromáticos, estésico e sonoro, que sistematizamos as qualidades dos vários tipos que vão ser articuladas em figuras da expressão e categorias da expressão.

Topológicos	A horizontalidade do convento é contratada pela verticalidade da torre da igreja, num primeiro momento. Já em 1960, a edificação construída como uso de teatro traz uma nova verticalidade ao conjunto. Já o edifício construído na década de 1970, retoma a linguagem da horizontalidade.
Eidéticos	Todas as edificações são caracterizadas pela presença de simetria, o antigo convento contém movimentos em curvas ditadas pelos arcos no pavimento térreo, assim como em ornamentos acima das janelas e as moduras para os painéis em azulejaria. Os arcos são continuados na edificação do teatro, ainda com ornamentos acima das janelas arredondados. Já no edifício construído na década de 1970 há a presença apenas de linhas retas.
Cromáticos	Todas as construções voltadas para a Rua Monte Alegre apresentam uma composição de tom creme e detalhes em tom rosado. Já o edifício com acesso voltado para a Ministro de Godói apresenta tons em cinza.
Matéricos	Há um contraste entre as edificações voltadas para a rua Monte Alegre e Ministro de Godói. Enquanto na Monte Alegre as edificações sejam robustas, há áreas de circulação aberta e pátios com grande quantidade de vegetação trazendo ao transeunte um ar de leveza. Já voltado para a Ministro de Godói, o grande volume de uma única edificação ocupa todo o quarteirão, trazendo peso à edificação.
Estésicos	Há aqui também contrastes, enquanto o acesso pela rua Monte Alegre apresenta jardins e bancos ladeado por árvores e arbustos levando o transeunte a um passeio contemplativo, na Rua Ministro de Godói há a presença massiva da fachada da edificação, onde há apenas uma forma de acesso e a presença de vendedores de produtos alimentícios geram odores misturados de diversos tipos de comida produzidos.
Sonoros	Pela inúmeras árvores é possível ouvir o barulho dos pássaros, vozes de crianças pequenas brincando com suas babás e o badalar do sino da capela que ecoa pelo quarteirão. Há certo fluxo de carros, mas não se trata de uma área de alto tráfego. Na rua Ministro de Godói percebemos mais grupos de pessoas conversando.

## 4 | CONCLUSÃO

Uma construção identitária emblemática do passado se mantém em meio ao grande número de edifícios residenciais que vêm surgindo muitas vezes com nome referenciando à Universidade, assim como a estação de metrô PUC-Cardoso em construção, e que abriga não somente estudantes, professores e funcionários, mas também devotos que frequentam a sua capela, uma população que busca acesso às atividades culturais pelas peças de teatros e mesmo transeuntes que fazem desfrutam de um passeio por uma atmosfera é agradável. Como um palimpsesto, a área é atravessada por diversas reescrituras, mas mantém a sua memória e contrói uma identidade universitária do local por meio de analogias na articulação de seus arranjos do plano da expressão homologando os arranjos do plano do conteúdo. Trata-se de um espaço de encontros nutrido pelas trocas de saberes e da construção de conhecimentos a ser preservados e expandidos como um organismo vivo em constante mudança.

## REFERÊNCIAS

Geosampa Mapas. [http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/\\_SBC.aspx#](http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#). Acesso: 15.04.2021

GREIMAS, Algirdas Julien. Sobre o sentido II. Ensaios Semióticos. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Edusp, 2014 [1983].

Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph. Dicionário de Semiótica. Trad. Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Contexto. 2008

KESSEL, Carlos. Arquitetura neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade. Rio de Janeiro: Jauá Editora, 2008.

KOETTER, Fred; ROWE, Colin. Collage City. Cambridge, Massachusetts and London, The MIT Press, 1978.

LANDOWSKI, Eric. Interações arriscadas. Trad. Luisa Helena Oliveira da Silva. São Paulo. Estação das Letras e Cores. Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014

LANDOWSKI, Eric. Presenças do outro: ensaios de sociossemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2012

Museu da Cultura disponibiliza fotos históricas do “Prédio Velho”. <https://j.pucsp.br/noticia/museu-da-cultura-disponibiliza-fotos-historicas-do-predio-velho>. Acesso em 17.04.23.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. São Paulo e Roma: práticas de vida e sentido. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

PUC-SP : 65 anos de história, tradição e vanguardismo, 1946-2011 / Odilo Pedro Scherer... et al. – São Paulo : EDUC, 2011.

PUC: 70 anos. Organização Claudia V. Duarte Rozo Fonseca- 1. ed. - Santos, SP: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2016. Edição bilíngue: português/inglês. Vários autores.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. A construção do nacional: Reconstrução do nacional: Ricardo Severo e a Campanha da Arte Tradicional no Brasil (1910-1930). *Varia História*, Ago 2019, Volume. 35, nº68 (p.597-629).